BOLETIM 5

PROEALC

Centro de Ciências Sociais / CCS - Novembro-Dezembro de 2004 - ISSN 2175-9103 27

Boletim Número 27
Data: Novembro-Dezembro/2004

EDITORIAL

O vigésimo sétimo número do Boletim PROEALC aborda questões importantes frente ao momento particular que vivemos na América Latina. A edição apresenta reflexões dos pesquisadores do nosso Programa em dois artigos, demonstrando a conexão dos mesmos com as questões do nosso tempo. No artigo "Reforma pra quem?", Renata Mena Brasil do Couto e Bernardo Suprani, analisam a Reforma Universitária em curso atualmente no Brasil e sua proximidade com nossa realidade, através de exposição explicativa de alguns dos principais pontos da Reforma os autores apresentam posição nitidamente contra no que diz respeito à continuação de sua implementação. A reeleição de George W. Bush recentemente nos EUA, indo de encontro ao que especialistas analisavam antes das eleições, esperando maior expressividade do candidato democrata John Kerry, também é abordada nesse número através do artigo de Verônica Massari e Talita Freire, intitulado: "Reeleição de Bush define rumo militar, político e econômico do mundo" Nele, as autoras discutem as diferentes questões que cercaram essa eleição ressaltando o apoio atual da comunidade latino-americana a Bush, e seu distanciamento político dos vizinhos do Cone Sul, inclusive deixando para segundo plano as discussões a respeito da ALCA. Além disso, a matéria também ressalta os planos de governo em nível internacional, intensificando sua política de guerras externas, e em nível interno com propostas altamente progressistas e de apoios sociais consistentes, que esbarram, no entanto, no déficit governamental do último ano. As duas décadas de existência do Movimento Zapatista não foram esquecidas. Assim, reproduzimos para nossos leitores o texto "20 Anos do Exército Zapatista de Libertação Nacional", retirado da "Revista Rebeldia". Ao celebrar e recordar os 20 anos do Movimento Zapatista de Libertação Nacional do México, o artigo destaca seu caráter emancipatório e de resposta popular a opressão das elites, além de sua singularidade na América Latina, que serve de exemplo para os vizinhos do continente. Finalizando essa edição, apresentamos a entrevista realizada por Marcus Vinicius da Silva Paes com o sociólogo uruguaio Miguel Serna, quando da realização do IX CONGRESO DE LA SOCIEDAD LATINOAMERICANA DE ESTUDIOS SOBRE AMERICA LATINA Y EL CARIBE (SOLAR) ocorrido em novembro na UERJ. A entrevista aborda fundamentalmente as perspectivas e prognósticos que o professor Dr. Serna, da Universidad de Montivideo, faz sobre o futuro uruguaio tendo a frente agora Tabaré Vázquez, presidente eleito no pleito de outubro passado. O sociólogo vê com bons olhos a vitória de Vázquez, como mais um exemplo de rechaço na América Latina em relação aos blocos de poder que a muito se perpetuam na região, e faz previsões otimistas a médio e longo prazo para o Uruguai, principalmente no campo social, assim como para o Mercosul como um todo.

A Equipe do Programa de Estudos de América Latina e Caribe deseja a todos aqueles que se preocupam com nossa América Latina, e fazem da mesma seus objetos de reflexão comprometidos com a transformação do cenário social perverso que atravessamos, um 2005 repleto de lutas capazes de gerarem possibilidades de mudança.

Silene de Moraes Freire

Em Foco I

Reforma pra quem?

Bernardo Suprani e Renata Mena Brasil do Couto*

Há muito tempo são feitas críticas às universidades públicas brasileiras, mas a precariedade do ensino, pesquisa e extensão atingiu um ponto tão absurdo que a universidade que nunca serviu aos interesses da

imensa maioria da população, hoje em dia não está adequada sequer à política neoliberal imposta pelas elites dominantes.

Percebendo esta situação, os grandes órgãos de fomento, que financiam as atividades das instituições de ensino superior, decidiram promover uma reforma universitária. Algumas palavras que encontramos no discurso do governo podem nos dar uma idéia errônea do conteúdo desta tal reforma como: democratização do acesso, autonomia universitária, avaliação da qualidade das Instituições de Ensino Superior através do Enade/Sinaes (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior), entre tantas outras.

Esses termos, de difícil acesso para a maioria da população, mascaram a real proposta de reforma do governo. Para entender melhor o que essas palavras querem realmente dizer, temos que tentar montar o quebra-cabeça de emendas constitucionais e medidas provisórias que vão sendo lançadas e fazendo avançar a implementação deste "novo" projeto de universidade.

Vamos dastacar aqui dois termos desta reforma:

O Programa Universidade Para Todos (ProUni) busca conseguir bolsas de estudo integral em universidades privadas, oferecendo vantagens às instituições que aderirem ao programa. Elas estarão isentas por dez anos de: imposto de renda de pessoas jurídicas; contribuição social sobre o lucro líquido; contribuição social para financiamento da seguridade social; e contribuição para o programa de integração social.
Estas "vantagens" representam uma enorme redução na arrecadação do Estado para os gastos públicos. Os principais beneficiários desta compra de vagas são os empresários da educação. Afinal, há 37,5% de vagas ociosas neste setor e a inadimplência é superior a 30%. Qual empresário não quer ter a certeza de que conseguirá vender todo o seu "estoque"?

Isso ocasionará uma redução do número e do valor de nossas bolsas, menos livros em nossas bibliotecas, laboratórios decrépitos, piores salários para os funcionários, entre outras coisas.

A compra de vagas nas universidades privadas, mais custosa para o Estado, não seria necessária se houvesse um aumento no número de vagas e uma real democratização do acesso às universidades públicas que garantissem mínimas condições de estudo para todos.

Vemos ainda a implementação da PEC 217 (Projeto de Emenda Constitucional nº 217). Esta medida defende que o financiamento da universidade seja feito também através de taxações dos detentores de diplomas de graduação e pós-graduação obtidos em instituições federais, estaduais e municipais.
Entendemos que o financiamento do ensino superior se dê através de impostos, mas acreditamos que estes devem recair sobre aqueles que realmente possuem uma maior renda: os donos de empresas, de bancos, de grandes propriedades, ...

A proposta de cobrar de ex-alunos das universidades é uma bitributação (pagar duas vezes pela mesma coisa), uma vez que parte dos impostos que pagamos já deveria ser destinados à educação.

Essas medidas são inaceitáveis e devemos lutar para impedir que esta reforma, já em curso, se concretize. Mas não podemos perder de vista que nossa luta vai para além disso. Nossa proposta é lançar as bases para a construção de uma universidade comprometida com as demandas da imensa maioria da população que hoje sequer tem acesso ao ensino superior graças, em parte, ao funil sócio-econômico que o vestibular representa. Precisamos também fazer avançar nossas reivindicações para além da defesa dessa universidade pública que se volta cada dia mais para os interesses da elite, construindo uma Universidade Popular.

*Bolsistas pesquisadores/PROEALC/UERJ

Em Foco II

20 Anos do Exército Zapatista de Libertação Nacional

Este 17 de novembro próximo, se comemora 20 anos completos da existência do Exército Zapatista de Liberação Nacional. 20 anos de uma luta tenaz que representa um marco fundamental no processo das lutas emancipatórias do povo do México e de todo o mundo.

20 anos semeando uma semente, muitas sementes, e vendo seu crescimento, para que os seres humanos possam ser livres de escolher como se comem os frutos que virão.

20 anos serrando pacientemente as patas da sela do poder para que quando alguém queira sentar nela se rompa em mil pedaços.

20 anos metendo o pé no trem do poder, sabendo que se algo sobram aos zapatistas são pés,
para que todos os que estão de pé possam decidir sobre a existência e o rumo do trem.

20 anos sem lutar pela chave que abre a porta do poder, já que têm preferido marcar com um X os muros mais sólidos da fortaleza do poder, convencidos de que o melhor não é desalojar aos que ali estão, senão romper as paredes do labirinto da história e fazer outro mundo sem portas, nem chaves.

20 anos sem angustiar-se pelas pesquisas que dizem que um caminho é melhor que outro, já que tem preferido construir um novo caminho.

20 anos desenhando um graffiti, em todos os muros dos palácios, que diga NÃO ao tempo e ao espaço dos palácios, que diga NÃO ao tempo e ao espaço do poder, buscando que não haja acima nem abaixo, nem um lado nem o outro.

20 anos não permitindo que lhes convertam em dogma, linha política ou vanguarda; semeando aos pássaros que o que lhes sai melhor é cagar-se nas estátuas do poder ou nos projetos de estátuas dos que ainda não têm o poder, mas suspiram e aspiram ao mesmo.

Ainda que para alguns isto não lhes pareça muito, mas o que é para nós, isto é um chingo. E, por isso, nos propomos festejar estes 20 anos. E como estamos convencidos de que a rebeldia é um carnaval, um estado de ânimo, uma festa dos sentidos, queremos organizar uma série de eventos, para compartir com todos aqueles que também considerem isto como algo digno de celebrar-se.

Fonte: Revista Rebeldía

Espaço Aberto

Reeleição de Bush define rumo militar, político e econômico do mundo

*Talita Freire Moreira e Verônica Massari Calvente**

No dia 3 de novembro de 2004, o presidente George Bush se reelegeu nos EUA para um mandato de mais quatro anos à frente da Casa Branca.
Na véspera das eleições, as listas eleitorais indicavam 4 milhões de eleitores novos e se esperava um comparecimento recorde entre 115 milhões e 120 milhões de votos, uma vez que o voto não é obrigatório no país. A eleição é indireta e os americanos votam em representantes para a formação de um colégio eleitoral.

Historicamente, as grandes afluências às urnas tinham sempre beneficiado os democratas. Segundo os especialistas, isso ocorreria de novo. Grandes esperanças estavam depositadas nos votos dos novos eleitores, os jovens, que, certamente, de acordo com os analistas, seriam mais progressistas e votariam em Kerry. Nada disso aconteceu. É verdade que mais gente apareceu para votar, mas em Bush, e os jovens não foram tão progressistas como se esperava: 54% dos eleitores entre 18 e 29 anos votaram em Kerry, 45% em Bush.

Além disso, a Coalizão Latina e outras 21 organizações latinas dos Estados Unidos, em sua maior parte de empresários e profissionais, concederam seu apoio formal à reeleição do presidente George W. Bush. Em anos anteriores o voto latino tinha sido um voto democrata, mais de 65% dos latinos sempre apoiaram o candidato presidencial democrata. Esta é a primeira vez na história que vimos o voto latino sumamente dividido e que 40%-45% dos latinos apoiaram o candidato republicano. Na eleição de 2000, o presidente Bush obteve 35% dos votos latinos, contra 65% para o ex-candidato democrata Al Gore.

Assim, enquanto um festejava sua reconquista da Casa Branca, a tristeza era generalizada entre os democratas e as entidades da sociedade civil, aliados a uma facção "dissidente" do clã Bush que criou uma organização para fazer campanha contra a reeleição do presidente e apoiar seu oponente, John Kerry (a organização "Bush Relatives for Kerry" -Parentes de Bush em favor de Kerry- foi fundada pelas irmãs Tracy Cannon e Hilary House, que se dizem primas em segundo grau do presidente) que lutaram até o fim para abrir os olhos das pessoas em relação às mentiras do governo.

Bush ganha a reeleição, quatro anos depois de assumir o cargo repleto de suspeitas de irregularidades eleitorais. Nove meses após assumir o primeiro mandato, passou a comandar um país traumatizado pelo impacto da crise dos atentados às torres gêmeas do World Trade Center, nos ataques de 11 de Setembro. Bush tornou-se o "presidente da guerra", lançou ataques contra o Afeganistão e o Iraque, baixou impostos da classe mais privilegiada e liderou o país mais abastado do mundo em meio a taxas crescentes de desemprego, que atinge mais de 8 milhões de pessoas, atualmente.

Bush, ainda, deflagrou a guerra ao terror e criou o Departamento de Segurança Interna. Triplicou os gastos com segurança e introduziu o Decreto Patriota (Patriot Act), que aumenta o poder da polícia para monitorar a vida dos cidadãos e deter suspeitos de envolvimento em terrorismo. Apesar da violência do pós-guerra no Iraque e os escândalos de Abu Ghraib, Bush diz que foi certo ir à guerra porque o governo iraquiano sabia como fabricar armas de destruição em massa e poderia passar o conhecimento a terroristas. No seu governo, o orçamento de Defesa se tornou na prática o maior desde a Guerra da Coréia, na década de 50, e ele tem planos de gastar ainda mais nessa área. Bush quer que a primeira parte do sistema de defesa de mísseis fique pronta até o fim de 2004.

No que diz respeito a questões internas, Bush quer que o Congresso aprove uma emenda à Constituição em que o casamento seja definido como uma união apenas entre homens e mulheres. Não se opõe a leis estaduais que possam permitir a união civil entre gays. É contra o aborto, exceto em casos de estupro ou incesto, ou quando a vida da mulher está em perigo. Assinou uma lei que introduz uma nova restrição em relação ao aborto, banindo um tipo de procedimento feito em estágios avançados da gravidez. Na educação, introduziu a lei No Child Left Behind ("Nenhuma Criança deixada para Trás"), que atrela os gastos nas escolas aos resultados apresentados pelas crianças em provas. Defende o uso de cupons, financiados pelo governo federal, para ajudar os pais a pagarem por escolas particulares. Em relação ao meio ambiente, desprezou o Protocolo de Kyoto, mas defende mais gastos com a tecnologia à base de hidrogênio para diminuir a poluição do ar. Apóia a exploração de petróleo no Refúgio Nacional de Vida Selvagem do Ártico, algo polêmico nos Estados Unidos.

Na saúde, promete incentivo fiscal para os que ganham pouco e decidem aderir a um plano de saúde. O objetivo é reduzir o número de pessoas sem acesso ao atendimento médico. Introduziu um programa que ajuda pessoas idosas a comprar remédios. Em relação ao comércio e a criação de empregos, promete implementar acordos de comércio que permitam que os produtores americanos possam competir em pé de igualdade com produtores de outros países. Propõe mais gastos com treinamento em colégios comunitários e escolas vocacionais.

Nos resta saber com irá fazer tudo isso, uma vez que, os Estados Unidos tinham superávit no orçamento em 2000, mas agora têm um déficit enorme. Bush apresentou propostas para que esse déficit caia pela metade até 2010 - mas quer que o Congresso torne permanentes os cortes de impostos feitos em 2001/2003.

Finalmente, Bush mal tocou no que poderia ser a política de seu governo em relação à América Latina, preferiu centrar-se no Iraque, no Oriente Médio e no Afeganistão. Após os atentados de 11 de setembro de 2001, Bush encontrou o pretexto perfeito para se desinteressar de seus vizinhos do sul, inclusive de um de seus principais aliados, o governo mexicano, que ficou à espera de um acordo migratório que regulasse um dos pontos mais delicados das relações entre as duas nações.

Antes disso, tinha sido notória a indiferença do governo estadunidense em relação à crise social e econômica na Argentina. Primeiro, se mostrou como vitrine dos frutos do neoliberalismo, e depois abandonou o país sul-americano ao fracassarem todos os seus modelos.

Na área comercial, as autoridades republicanas também não se esforçaram muito. A ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), um projeto norte-americano, trilha o caminho do fracasso, e ninguém sabe se algum dia vai vigorar como tinha sido concebida, o que não deixa de ser um alívio para os nossos povos.
Após o resultado do dia 3 de novembro, fica evidente não haver nenhum compromisso com a América Latina e o Caribe, como, em verdade, nunca houve, a não ser a exigência de docilidade e submissão ao que decida Washington, ou castigo, hostilidade e subversão contra os povos que, como Cuba ou a Venezuela, decidam seguir o seu próprio caminho e desenvolver o seu próprio projeto político, econômico e social.

*Bolsistas-pesquisadoras/PROEALC/UERJ

Entrevista com Miguel Serna

No IX Solar ocorrido na Universidade do Estado do Rio de Janeiro nos dias 22 à 26 de novembro, o PROEALC realizou o simpósio SOC. 2, organizado por nossa orientadora, Dra. Silene de Moraes Freire. O Boletim do PROEALC traz nessa edição uma entrevista com o sociólogo Miguel Serna Forcheri, doutor em Ciências Políticas Comparada e Integração Latino-americana, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e professor na Universidade de la Republica, do Uruguai, e tem lançado no mês de outubro um livro Reconversão Democrática das Esquerdas no Cone Sul, pela EDUSC-ANPOCS. O professor esteve participando do evento, e nos concedeu algumas visões acerca das expectativas que trazem a eleição de Tabaré Vázquez no Uruguai recentemente:

Marcus Vinicius da Silva Paes*

1- Como o sr. analisa a eleição de Tabaré Vázquez em primeiro turno? Qual é o motivo desse sucesso com o povo uruguaio?

Serna: Assim como acontecido no Brasil, a eleição de Vázquez representa a perspectiva de mudança de um povo depois de tanto tempo sob a égide de governos e políticas que não tornavam plenas a democracia que se espera. Não foi só o resultado de uma vitória eleitoral no ano 2004, não é uma intenção do dia para a noite, vem do passado, como resposta a uma sucessão de fatos e acontecimentos que são negativos, oriundos desde a crise estrutural vivida nos 60 e 70, quando surgiu a Frente Ampla. A Frente Ampla tem história no Uruguai, e representa para o povo o diferente, a mudança, a esquerda organizada, a expressão dos trabalhadores assalariados e das classes médias que foram alvo dos impactos negativos das crises econômicas e do estado de bem-estar social . Além disso Obviamente houveram mudanças de discurso de se adaptar as condicionantes externas e a fim de tornar mais reais as chances da Frente e de Vázquez no pleito. Mas em essência sei que os eleitores depositam a esperança de uma passagem para melhores dias, para o fim da crise social que abate o Uruguai, que se não é a pior que se conhece, é sem dúvida a mais longa da história. Em suma, essa vitória é o rechaço eo descontento popular com as forças políticas que estiveram no poder desde sempre no Uruguai, seja na figura dos Colorados, seja com o Partido Nacional.

2 – O que é possível esperar desse governo?

Serna: Se espera as mudanças. Assim como se esperou e se espera muito de Lula. As críticas que o presidente brasileiro recebe acusando-o de pouca mobilidade, falta de ações mais concretas, uso exagerado apenas de políticas assistencialistas paliativas, tudo isso é necessário mas não é suficiente para avançar no plano social até chegar a raiz do combate das causas estruturais da desigualdade social. Políticas assistencialistas não deixam de ser uma tentativa de mudança no sentido social, no combate a pobreza.

Obviamente, o que queremos é muito maior, atacando a raiz do problema. Mas isso leva muito tempo, e requer muita astúcia política. O mesmo tem que ser pensado no caso Uruguaio. Não se pode esperar as mudanças do dia para a noite, mas existe uma enorme esperança e expectativa popular. A questão é combater o aumento da pobreza sobretudo na última crise, mas ao mesmo tempo, melhorar a qualidade de vida, de emprego, de proteção social e de educação que tinha sido um rasgo histórico do desenvolvimento social do país. Mas para Vázquez, creio, a situação será ainda menos complexa, porque ele possui a maioria absoluta do congresso. Assim sendo, terá mais uniformidade para trabalhar e aprovar reformas o que for necessário no sentido de mudanças sociais em seu governo.

3 – Aonde, exatamente, no curso histórico se deu a descaracterização da Frente Ampla como o grande nome de união das vertentes da esquerda uruguaia?

Serna: Não é tão correto afirmar isso. Obviamente, o discurso e os atores políticos da Frente Ampla atual não são necessariamente os mesmos que surgiram no final dos 60 e início dos 70, liderados basicamente pelos trabalhadores, sindicatos e classes estudantis, primordialmente. Mas não chamo isso de descaracterização, ou moderação nos discursos esquerdistas, mas sim de reconversão. Uma reconversão que trouxesse o discurso para uma situação mais palpável e real, para que a Frente Ampla tivesse, enfim, uma chance real de um dia chegar ao poder, como de fato ocorreu. Assim sendo, a Frente Ampla se elegeu não por conta do eleitorado tradicional e histórico, que sempre esteve com eles. A diferença foi feita por uma parte, pelas classes médias, progressivamente ao longo da história com menor poder, descontentes, e por outro lado, pelos setores rurais nacionais que foram atingidos pelo impacto negativo da crise econômica. A esquerda foi conquistando o espaço do centro com esse discurso mais moderado confiou seu futuro a essa linha de esquerda, agora com sentido mais democrático e vocação de desenvolvimento nacional sustentável (no plano econômico, político, e social). A Frente Ampla, portanto, continua com sua identidade e seu projeto próprio, adaptados a nova conjuntura política nacional e internacional, mantendo suas bandeiras históricas.

4 – Tendo em vista as dificuldades atualmente encontradas pelo presidente Lula no Brasil para compor seu novo ministério para 2005, como fazer agora uma acomodação dentro do governo de tantas alas que compuseram a Frente Ampla na campanha para as eleições?

Serna: Veja, não chega a ser tarefa complicada. Na verdade sempre foi assim, mesmo com os Brancos ou os Colorados. Sempre houveram muitos interesses e vertentes dentro do governo, como há em toda democracia no mundo. Mas aí não vale uma comparação direta entre Frente Ampla e PT, nem Lula e Vázquez. Só agora Lula consegue ter maioria no senado e na câmara, e como já disse, Vázquez já começa seu governo tendo uma maioría absoluta própria no congresso. A Frente Ampla por sua vez, sempre foi e continua sendo essa junção/aliança de partidos, classes, vertentes múltiplas dentro de um certo ideário, mas que não apaga a essência dos que os compõem, nem suas autonomias. Não é um partido. O PT é diferente, é partido, ou você alinha com ele, ou se está fora.

5 – Qual a herança mais difícil herdada do governo Battle para o novo presidente?

Serna: A herança pior foi o conservadorismo e a ideologia de que só o mercado econômico e as instituições políticas eram importantes, de que a crise só foi produto de causas econômicas externas, esqueceram do povo, da cidadania, da cultura e do trabalho digno. Nesse sentido , me parece que de todas as dificuldades, as mais complexas estarão no campo social. Vivemos aí uma crise muito longa. E alguns pontos são relevantes nesse sentido. Primeiramente, os jovens. Pesquisas dão conta que a maior parcela dos pobres no Uruguai está numa faixa de até 14 anos de idade. É preciso dar educação, e educação de qualidade a esses jovens pois representam hoje o futuro de nossa nação. A precariedade do trabalho no meu país também é alarmante, assim como o desemprego estrutural em níveis altos. Calcula-se que cerca de 40% da população ativa esteja em sub-empregos, ou trabalho informal. Somando isso a parcela inativa, há uma perda enorme no nosso sistema de proteção social, o que se chama no Brasil de Previdência. Chegamos a níveis parecidos com os da pirâmide européia de envelhecimento, sendo que cerca de 60% da população ativa não contribui ao sistema. Assim, é preciso inventar novas formas de desenvolvimento produtivo e social arrecadar, para que isso seja passado para o social. A tendência com Vázquez é a retomada forte do setor agropecuário, do serviços, que se gera mais lucros, também depende de menos mão-de-obra por outro lado. O turismo também promete ser uma fonte de capitação/ingresso, e do investimento em ciência e tecnologia. Além disso, políticas ativas de emprego e qualificação da mão de obra, e de proteção social.

6 – Qual o prognóstico que o sr. faz para o futuro do Mercosul com Vázquez no poder?

Serna: Muito me deixa otimista a chegada de Vázquez no poder no que diz respeito ao Mercosul. As esquerdas se erguem no Cone Sul, e isso só pode contribuir com o fortalecimento do Mercosul do novo tipo, uma nova aliança política progressista. Lula, Kirchner e Vázquez fazem uma tríade interessante no caminho de fazer com que o bloco deixe de ser apenas aquele de interesses de abertura econômica e comercial que foi hegemônica durante os governos de FHC, Menem e Battle, sob uma ideologia neo-liberal. Agora temos tudo para concretizar o bloco em direções mais amplas, numa integração política e social. O bloco está unido. Basta ver quando da crise Argentina, quando imediatamente Lula e outros presidentes foram ao país a seu auxílio. A aproximação de Hugo Chávez e sua política também alinhada com o ideário de esquerda de Uruguai e Brasil é outro ponto importante. Por tudo isso, acho que o Mercosul caminha para virar um bloco realmente coeso, e mais forte, como é a União Européia. Leva tempo, a Europa esteve a espera da união final por 50 anos, e logo depois de ter sofrido três séculos de guerras entre estados nação e duas guerras mundiais, mas apreenderam uma grande lição: o caminho em um mundo globalizado é a integração regional em blocos, e América Latina tem muito para fazer ainda.

*Bolsista/Pesquisador/PROEALC/UERJ

Expediente

Reitor
Profº Nival Nunes de Almeida
Vice-reitor
Profº Ronaldo Martins Lauria
Sub-reitor de Graduação
Profª Raquel Marques Villardi
Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Profª Albanita Viana de Oliveira
Sub-reitor de Extensão e Cultura
Profª Maria Georgina Muniz Washington
Diretora do Centro de Ciências Sociais
Profª ***Rosângela*** Martins Alcântara ***Zagaglia***
Coordenadora do PROEALC
Profª Dra. Silene de Moraes Freire
Editora Responsável
Profª Dra. Silene de Moraes Freire

Assistents Editorial
Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)
Coordenação de Produção
Aline Silveira de Assis (FSS/UERJ), Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ), Douglas Ribeiro Barboza (FSS/UERJ).
Colaboradores
Talita Freire Moreira (FSS/UERJ), Verônica Massari Calvente (FSS/UERJ), Bernardo Suprani (IFCH/UERJ), e Renata Mena Brasil Couto (FSS/UERJ).
Projeto Gráfico
Érica Fidelis (NAPE/DEPEXT/UERJ)
Diagramação
Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)
Revisão
Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)